

## LUIZ DE ANHAIA MELLO – EM BUSCA DE UM URBANISMO HUMANIZADO: IDEÁRIO E AUTORES DE REFERÊNCIA

Heliana Angotti Salgueiro  
PNPD – Capes – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
José Geraldo Simões Junior  
PPGAU - Universidade Presbiteriana Mackenzie  
angotti@usp.br, jgsimoesjr@gmail.com

### RESUMO

O ideário do intelectual Anhaia Mello, engenheiro-arquiteto, professor e homem de instituições e de ação política, em prol da cidade de São Paulo, se expressa em múltiplas temáticas entre elas o "novo urbanismo humanizado", vertente que requer aprofundamento das leituras de referência que tomava por base.

Seus textos críticos foram difundidos especialmente em periódicos que marcaram a reflexão profissional nos decênios de 1920 a 1950 – fontes essenciais de pesquisa e meios de difusão de autores e leituras nos anais da historiografia paulista, que encerram ainda uma série de questões. Uma Biobibliografia comentada que reúne a produção de Anhaia Mello vem sendo preparada pelos autores desta comunicação nos termos de uma biografia intelectual.

O teor e o alcance das temáticas críticas defendidas por ele, as modalidades de apropriação e citação de autores lidos em sua vasta biblioteca, inscrevem-se em uma história urbana sociocultural. Escolhemos como recorte esse urbanismo humanizado visando a cidade ideal, expresso em princípios que ele defendia como aplicáveis para São Paulo, na busca de soluções para o crescimento descontrolado por que já passava a cidade, gerando problemas urbanísticos que permanecem até hoje.

Com base nas leituras de alguns autores representativos da bibliografia internacional do urbanismo, como Gaston Bardet e Le Corbusier (que eram incompatíveis...), Anhaia Mello articula afinidades em torno do ideário de um "urbanismo em escala humana", como a saída para conferir o "bem comum" e a "alegria de viver à totalidade dos cidadãos" da metrópole, na contramão do desenvolvimentismo urbano vigente.

**PALAVRAS-CHAVE:** ideário urbanístico, Anhaia Mello, urbanismo em São Paulo.

## LUIZ DE ANHAIA MELLO – IN SEARCH OF A HUMANIZED URBAN DEVELOPMENT: IDEAS AND AUTHORS OF REFERENCE

### ABSTRACT

*The ideas of intellectual Anhaia Mello, architect-engineer, teacher, man of institutions and political actions in favor of the city of São Paulo, is expressed in multiple themes including a "new humanized urbanism", aspect that requires deepening of reference readings that took based.*

*His critical texts were circulated especially in journals that marked the professional reflection in the decades 1920-1950 - essential sources of research and dissemination of media authors and readings in the annals of history São Paulo, which also contain a number of issues. A Biobibliography commented that gathers the production of Anhaia Mello has been prepared by the authors of this communication in terms of an intellectual biography.*

*The content and scope of the critical issues advocated by him, the modalities of appropriation and citation authors read in its vast library, is entered in a socio-cultural urban history. We chose to discuss in this paper, this humanized urban targeting the ideal city, expressed in principles he advocated as applicable to São Paulo, in the search for solutions to the uncontrolled growth that was past the city, generating urban problems that remain today.*

*Based on readings of some representative authors of the international urban planning literature, as Gaston Bardet and Le Corbusier (which were incompatible ...), Anhaia Mello articulates affinities around the ideas of a "town planning on a human scale" as the output to check the "common good" and the "joy of living to all citizens" of the metropolis, against the current urban developmentalism.*

**KEY-WORDS:** urban ideas, Anhaia Mello, urban planning in São Paulo.

## INTRODUÇÃO

Este evento se apresenta como uma possibilidade para explorarmos o tema das *visões e revisões críticas da história da cidade e do urbanismo*, e dentre algumas das temáticas propostas pelo Eixo 2, destacamos o papel de um intelectual paulista, Luiz de Anhaia Mello – seu ideário e algumas obras de referências das quais se apropria para problematizar a metrópole (no caso, São Paulo), recortando a opção por um urbanismo humanizado, tema sempre presente em seus textos publicados em periódicos que marcaram a reflexão profissional nos decênios de 1920 a 1950.

Luiz Ignacio Romeiro de Anhaia Mello (1891-1974)<sup>1</sup>, diplomou-se engenheiro-arquiteto pela Escola Politécnica em 1913; trabalhou junto às empresas construtoras de Ramos de Azevedo, mas sua principal atividade foi a docência a partir de 1918, na Poli, onde sempre enfatizou a dimensão urbanística na profissão do engenheiro. Nutriu um ideal intelectual pelo urbanismo como “arte social, que tem o homem por objetivo”<sup>2</sup>, fazendo conferências e escrevendo em prol da difusão desse ideário, que envolvia projetos e medidas muitas vezes aquém das realidades urbanas do país – na contramão da maioria de seus pares achava que era preciso frear o crescimento desmesurado da cidade de São Paulo e planejar a organização do seu espaço regional, combate que acompanhará toda sua vida intelectual. Atuando em associações profissionais, ocupou ainda que por pouco tempo cargos políticos como o de vereador e prefeito nos anos 20 e 30, e posições dominantes nas esferas técnicas da cidade. Fundador em 1948 da FAU-USP, onde foi também professor, criou o CEPEU que seria a base de um Instituto de Urbanismo que não veio à luz. Anhaia Mello era, antes de tudo, um erudito conhecedor da bibliografia internacional, com produção teórica e engajamento pedagógico sem par na busca de soluções para os problemas que previa na evolução da cidade e que a assolam ainda hoje.

Eventos como este têm possibilitado a construção de uma nova conjuntura historiográfica que nesses últimos vinte anos vem revisando enfoques – representações míticas e análises de cunho ideológico anteriores, engessadas em metodologias prévias foram dando lugar a estudos fundados em documentos de arquivo, a pesquisas bibliográficas mais exigentes com recortes das formas de produção crítica de autores locais e de matrizes dos textos deixados por eles.

Apresentamos aqui algumas questões sugeridas pela pesquisa, à guisa de uma contribuição às leituras da historiografia local sobre o ideário daquele que foi considerado como o principal teórico do urbanismo em São Paulo. Ao buscar aprofundar temas do pensamento crítico de Luiz de Anhaia Mello explícitos em periódicos da área, temos identificado diversos autores de referência presentes no nos livros de sua biblioteca pessoal. Cientes que o tema é vasto e exige recortes, optamos então por considerar a leitura que ele faz de Le Corbusier e Gaston Bardet, enfocando especialmente aspectos de um urbanismo humanizado presente no ideário destes, sem deixar de incluir, ao longo da análise, outros autores clássicos da disciplina.

## POR UMA BIOBIBLIOGRAFIA DE ANHAIA MELLO

*Releituras e revisões* podem apresentar mais caminhos paralelos que convergentes, pois os estudiosos de Anhaia Mello procedem de diferentes esferas de formação. No caso, porém, unimos a história intelectual à história do urbanismo para reconstituir uma *Biobibliografia* do engenheiro a fim de conhecer melhor sua produção e situá-la cronologicamente, associando-a aos principais cargos e funções que ocupou em cada fase de sua vida.



Fig.1 – Capas e frontispícios de periódicos que publicaram textos de Anhaia Mello.

Aos seus textos publicados em periódicos especializados (como o *Boletim do Instituto de Engenharia*, a *Revista Polytechnica*, o *Digesto Econômico*, a revista *Habitat*) acrescentamos outros, completando listagens já levantadas por autores da historiografia paulista<sup>3</sup>, relacionando-os às instituições aos quais o titular estava ligado no momento de sua redação. Pode-

<sup>1</sup> Dados mais completos de sua biografia estão em Sylvia Ficher, *Os arquitetos da Poli – ensino e profissão em São Paulo*, São Paulo, Edusp 2005, pp. 143-153. Ver, mais recentemente os enfoques de Heliana Angotti-Salgueiro em: “Pensamento e leituras de Luiz de Anhaia Mello – das propostas de arte urbana ao planejamento de um urbanismo humanista”, in *Anais do III Enanparq – arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva*, São Paulo, 2014. <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/iniciar.htm>.

<sup>2</sup> Expressão-*leitmotiv* de seu ideário, em: “Engenharia e urbanismo – profissão e personalidade”, *Revista de Engenharia Mackenzie*, ano XL, ns. 124-125, 1955, p. 4, também presente em textos-síntese da maturidade, como *Curso de Administração Municipal e Introdução ao Planejamento Regional*, Grêmio Politécnico, São Paulo, 1967.

<sup>3</sup> A listagem mais completa desses textos foi certamente levantada por Sylvia Ficher, em sua tese de 1989 (livro citado na nota 1). Quanto aos dados referentes aos cargos ocupados pelo engenheiro e o cenário político da época a base foi o livro de Candido Malta Campos, *Os*

se dizer que a sistematização tentada nessa *Biobibliografia* (cuja estruturação está em curso e será publicada em breve como um instrumento de pesquisa), visa apresentar-se mais completa e detalhada em relação às listagens anteriores pelos comentários que traz, além de afigurar-se como relacional e analítica nos termos de uma biografia intelectual, conforme sua aceção na historiografia francesa<sup>4</sup>.

A reabilitação da *persona* científica e suas motivações na produção de uma obra, enquanto método de estudo, não é mais novidade desde o final dos anos 1970, articulando-se experiências de indivíduos a situações precisas, sua ciência e seu contexto intelectual e social<sup>5</sup>. Mesmo sem nos referirmos à “dimensão ordinária” e “trivial” dos hábitos de leitura de Anhaia Mello para construir seu ideário, tratando-se de um autor que não deixou confidências autobiográficas, arquivo pessoal ou correspondência, temos observado que era considerável o tempo que este dedicava a seus livros, a amplitude dos campos de conhecimento que encerra sua biblioteca, a diligência de suas anotações explícitas nos textos publicados.



Fig. 2 - Livros nas estantes da FAU da biblioteca de Anhaia Mello, doada em 1973.

Todas as nossas hipóteses têm como fonte essa biblioteca e seus escritos relacionados na referida *Biobibliografia*, que vem nos servindo de plataforma para a reflexão sobre seu pensamento urbanístico, na linha de uma história cultural da leitura, que possibilita reconhecer as temáticas centrais de seu ideário e as obras em que se apoiava, e que articuladas aos textos permitem-nos entender as *maneiras de ler* de Anhaia Mello – pontos centrais da pesquisa em curso.

## A PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ANHAIA MELLO E SUA DIFUSÃO EM PERIÓDICOS

O período em que Anhaia mais publicou, do final dos anos 20 até os anos 50 corresponde aos anos enunciados neste evento como “decisivos para constituir o urbanismo como campo de conhecimento e prática profissional” – considerado período fundador na historiografia da área<sup>6</sup>, mais ou menos em sintonia com a produção de outros países cujos textos tinham circulação internacional, sendo também aqui objeto de seleção e apropriação as mais variadas, segundo o *tempo próprio* local, ou seja, quando convocados para responder aos nossos problemas urbanos.

Na *Biobibliografia* de Anhaia Mello levantamos 70 textos, em sua maioria conhecidos pelos estudiosos e publicados em periódicos, além de 3 livros – sabe-se que tanto as revistas quanto estes livros reúnem geralmente conferências articulando temas que se resumem na denominação “problemas do urbanismo”<sup>7</sup>. Ele é porta voz de uma forma de crítica conjuntural que circula em periódicos locais a serem considerados como fonte primária: – aliás, na esteira de muitos outros países, no campo da história da arquitetura e do urbanismo, pesquisas de peso já consagraram estes documentos como suporte responsável pela divulgação de ideários, projetos e debates. Uma historiografia recente se abre para a biografia de autores,

---

*Rumos da Cidade. Urbanismo e Modernização em São Paulo*, em 2002 (cuja tese que lhe deu origem é de 1999). Anhaia Mello é autor que despertou muito interesse acadêmico, em dissertações, teses e capítulos de livros no meio acadêmico paulista.

<sup>4</sup> Entre os teóricos da biografia intelectual, aceções, críticas e relações com a história das elites culturais, ver obras de Christophe Charle, Pascal Ory, Jacques Revel, Jean-François Sirinelli, Giovanni Levi, Sabina Loriga, Jean-Claude Passeron, Jacques Le Goff, Pierre Bourdieu. No campo específico da história do urbanismo, em português ver H. Angotti-Salgueiro, *Engenheiro Aarão Reis, o progresso como missão*, Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro /CREA, 1997.

<sup>5</sup> Anne Collinot, “Entre vie et oeuvre scientifiques : le chaînon manquant”, *Critique*. Biographies, mode d’emploi, junho-julho 2012, p. 578.

<sup>6</sup> Embora a segunda metade do século XIX não possa ser esquecida na constituição desta historiografia, pois muitos dos “problemas urbanos” e estudos para solucioná-los já eram temas de opúsculos de engenheiros e eruditos da época, e a recepção de obras estrangeiras constituía igualmente um fato, por exemplo, entre os engenheiros da Escola Politécnica do Rio de Janeiro.

<sup>7</sup> *Problemas do urbanismo* é o título geral dos três livros de Anhaia Mello que se especificam nos seguintes subtítulos: *Bases para resolução para o problema técnico*, *Recreio ativo e organizado nas cidades modernas* e *O problema econômico dos serviços de utilidade pública* – o termo é usual nas abordagens de urbanistas dessa geração, como Gaston Bardet que publica 10 anos depois de Anhaia um livro intitulado *Problèmes d’urbanisme*, Paris, Dunod, 1941.

seus textos e meios de difusão, campos de pesquisa a trilhar na confluência da história da imprensa e da crítica profissional com a história da cidade<sup>8</sup>.

Entre 1926 e 1936, Anhaia publicou 12 textos na *Revista Polytechnica*; de 1928 a 1937 são 23 no *Boletim do Instituto de Engenharia*<sup>9</sup>, que a partir de 1945 passa a se chamar *Engenharia* – desta data até 1951, este periódico publica 10 artigos seus, paralelamente aos 8 do *Digesto Econômico*, entre 1947 e 1953 – a revista *Habitat* inclui 2, em 1955 e 1957, sendo este último muito relevante, além de artigos esparsos em outras revistas. A leitura desses 55 textos explicita cruzamentos e reiterações de temas que compõem o ideário de Anhaia Mello, de que destacaremos apenas alguns aspectos e determinados autores aos quais ele fez referência. Nota-se que de 1939 a 1945 não encontramos publicações, apenas o livro editado em 1940 que reúne conferências feitas entre 1930 e 1933 que circularam antes em forma de artigos (como os dois livros anteriores, de 1929).

O regime de exceção pelo qual passou o Brasil entre 1937 e 1945, bem como a segunda guerra mundial, explicariam as dificuldades e a intermitência das publicações. Neste hiato de tempo a revista *Engenharia* publica apenas um discurso de Anhaia em 1943, em que ele saúda os participantes da Semana do Engenheiro enquanto Secretário da Viação e Obras Públicas de São Paulo.

O levantamento permitiu-nos estabelecer algumas balizas: sua produção é mais intensa entre 1928 e 1945 (sendo 23 artigos de 28 a 37), o número de textos se concentrando mais em 1929, 1933 e depois em 1945 e 1947 – o que não significa que nos anos 1950, Anhaia Mello não tenha sido extremamente ativo, ao contrário, quando defendia o planejamento de São Paulo com propostas dos planos diretor e regional e temas correlatos, ou quando formalizava seus cursos em opúsculos – período em que, em meio a conferências circunstanciais, mas a efeito de verdadeiros manifestos, destacam-se textos mais extensos que explicitam a evolução e sintetizam seu ideário, notando-se a permanência de queixas, sugestões de regulamentação das políticas públicas e medidas urbanas defendidas desde os anos 20, jamais aplicadas<sup>10</sup>.

Nos primeiros anos observa-se que o fato das publicações originarem-se de conferências, sendo objeto de ciclos nas associações sociais e profissionais como o Rotary Club, o Instituto de Engenharia e o Club de Engenharia, estas se repartiam em séries sobre temas como “a regulamentação dos serviços de utilidade pública”, “a econômica da terra urbana”, “um programa de habitação para os EUA”, “um plano regulador para o município”, “o transporte coletivo na cidade moderna”; a maioria dos textos inclui reiteradas definições de urbanismo, lança freqüentes apelos à cooperação cívica em torno dos problemas da cidade, e tece considerações sobre as atribuições profissionais dos envolvidos (“planejador, engenheiro e arquiteto”), buscando divulgar ideários, práticas urbanísticas e dinâmicas urbanas que aconteciam em outros países.

Em tão vasta obra faremos primeiro, considerações metodológicas de abordagem dos periódicos enquanto fonte de pesquisa e meios de difusão do ideário de Anhaia Mello.

## DOS PERIÓDICOS E DAS LACUNAS A RESPEITO DELES

Uma série de questões suspensas dadas as lacunas de pesquisa da historiografia brasileira relativa a periódicos precedem nossas considerações sobre o teor da crítica de Anhaia Mello. Antes de tudo, observe-se que uma análise aprofundada e meticulosa destas fontes essenciais para a história da cidade e do urbanismo está para ser feita entre nós (sobre aqueles referentes à arquitetura avançou-se um pouco mais).

- O que sabemos de fato sobre projetos ou políticas editoriais, protagonistas, contextos em que se inserem, ideários, diferenças de interpretação entre os autores, ligações com grupos profissionais e associações (inclusive estrangeiras), tiragem, leitores, crises e intermitências de edição? De muitos periódicos ainda se desconhecem as condições históricas de seu nascimento, eventual articulação a uma conjuntura ou como evoluíram na paisagem editorial de seu tempo e o papel tiveram em seu meio e além dele – se funcionaram como instâncias simbólicas de consagração profissional, ou se explicitavam autonomia como veículo cultural.

- O que sabemos sobre a repercussão da crítica, especialmente os níveis de recepção dos leitores<sup>11</sup>, sendo o clima intelectual pouco acolhedor e estimulante, do qual o próprio Anhaia Mello se queixa da “indiferença quando não da hostilidade geral”?<sup>12</sup>

Uma “sociologia dos textos” ou sua inscrição em uma historiografia atenta aos aspectos sócio-culturais da leitura e difusão interessa-nos mais do que aspectos materiais – tipografia, *mise en page*, iconografia (limitada, aliás, por óbvios limites

<sup>8</sup> Hélène Jannièrre, *Politiques éditoriales et architecture moderne. L'émergence de nouvelles revues en France et en Italie (1923-1939)*. Paris, Ed. Arguments, 2002.

<sup>9</sup> A *Revista Polytechnica* começou a circular em 1904 e o *Boletim do Instituto de Engenharia* em 1917, precedida da *Revista de Engenharia Mackenzie* em 1915, onde Anhaia Mello publicaria um só artigo bem mais tarde, em 1955.

<sup>10</sup> Entre os textos desses anos, destaca-se o edital, “Visão do futuro e realidade do presente”, *Habitat*, n. 21, mar.abril 1955, as conferências “Urbanismo positivo e urbanismo negativo – as modernas cidades inglesas”, *Engenharia Municipal*, n. 3, julho 1956, p.9-14 e “Planejamento, arquitetura, engenharia. Contrastes e confrontos”, *Habitat*, n. 38, p. 2-8, janeiro 1957, e os opúsculos de cursos: “Curso de Urbanismo: elementos de composição regional”, Grêmio Politécnico (1957), 3ª edição 1961 e “Curso de Administração Municipal e Introdução ao Planejamento Regional”, Grêmio Politécnico, 1967, 102 pp., a que faremos referência mais adiante.

<sup>11</sup> Algumas destas questões partiram de leituras para pensar este texto: entre elas, além do livro citado de H. Jannièrre, ver Roger Chartier, “Bibliographie et histoire culturelle”, in *Au bord de la falaise. L'Histoire entre certitudes et inquiétude*, Paris, Albin Michel, 1998 (publicado no Brasil em 2002).

<sup>12</sup> Luiz de Anhaia Mello, “Urbanismo” (originalmente palestra e depois cap. 2 do seu primeiro livro), *Boletim do Instituto de Engenharia*, v. 9, n. 92, nov. 1928, p. 240.

técnicos) – porém, esses aspectos e sua evolução que em escolas de arquitetura e design podem assumir também grande interesse, não serão tratados, pois fogem dos objetivos desta comunicação.

## TEOR E ALCANCE DOS IDEÁRIOS DE ANHAIA MELLO, SEU PAPEL E UNIVERSO DE REFERÊNCIAS

- Para que serve a crítica construída e reiterada nas revistas, explícita nos artigos do engenheiro-professor? Ela serve antes de tudo para instruir, ou seja, apresenta uma função didática, pedagógica, com amplas ambições no sentido de levar “educação urbanística ao público em geral”<sup>13</sup>, formar um ambiente e informar a administração municipal da urgência de *problemas do urbanismo*, ciência nova, que Anhaia estava ciente de que a maioria de seus leitores embora fossem profissionais da área como ele, desconheciam.

Ele denunciava, sobretudo, a “penúria de espírito cidadão”<sup>14</sup>, ou que “nossa educação urbanística era rudimentar”, faltando-nos, enfim, o “*esprit d’urbanisme*” ou a *cooperação* para praticar o urbanismo como um *bem coletivo*, nos termos de Pierre Lavedan<sup>15</sup>.

Nesta linha, Anhaia se queixava do “ambiente desfavorável”, da falta de “abdicação do individuo em proveito do bem comum” conforme ilustra o periódico *The American City*, considerado por ele “como o melhor de todos”, na charge que reitera a denúncia presente em inúmeros textos da sua obra sobre a falta de cidadania, de responsabilidade e de sacrifícios pessoais dos políticos em nome da comunidade ou do interesse público, e o significado do urbanismo em “teoria” e na “prática”.



Fig. 3 - Charge do periódico *The American City*, reproduzida no *Boletim do Instituto de Engenharia*, em 1929.

Anhaia Mello escreve para “educar as massas” ou “influenciar a opinião pública”, não se dirigindo apenas aos seus pares, e acredita no urbanismo como tarefa de todos, no “apostolado” de exemplos que parecia seguir, como o de um Agache, que divulgava ideias “pela imprensa, nos livros e em conferências dentro e fora da França e da Europa”<sup>16</sup>; ele destacava com ênfase a força da propaganda das revistas de associações como as americanas, exemplo tantas vezes convocado a fim de colocar as experiências urbanísticas municipais aplicadas fora do Brasil “ao alcance de todos os estudiosos”, de “formar opinião” e “elevar a temperatura moral do ambiente” local<sup>17</sup>.

Ao comentar os “variadíssimos problemas da cidade” em críticas que “não só apontavam o mal” como prescreviam o remédio”, lança mão de longas citações tiradas de publicações estrangeiras – Sylvia Ficher observou que as revistas profissionais dos engenheiros-arquitetos, surgem no Brasil como “instrumentos de difusão de ideias” sem fronteiras.

<sup>13</sup> Luiz de Anhaia Mello, “Problemas de urbanismo”. Mais uma contribuição para o calçamento”, *Revista Polytechnica*, n. 83, junho 1927.

<sup>14</sup> Idem, “Urbanismo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, n. 92, v. 9, nov. 1928 (Cap. 2, do livro de 1929).

<sup>15</sup> Segundo a revista *Urbanisme*, em seu número inaugural, o que P. Lavedan chamou de *espírito do urbanismo*, é “para uns a vontade de criar uma disciplina necessária à ordem urbana; para outros, de se dobrar ao sentido social do valor de uma tal disciplina (...) observando que este espírito não se encontra necessariamente em todas as civilizações avançadas (...) ou que nem todas se dobraram aos sacrifícios requeridos por esta arte urbana...” Cf. tradução dos autores, de *Urbanisme*, n. 1, abril 1932, p. 8. Mas Anhaia já cita em 1927 este “espírito” mencionado por Lavedan também em seu livro, *Histoire de l’Urbanisme...*, de 1926, reiterando-o ao longo de seus textos. Lavedan, historiador da arte e da “arquitetura urbana” é autor que ele não podia ignorar sendo professor de estética e de composição urbana; em sua biblioteca encontramos várias obras deste autor, inclusive *Qu’est-ce l’urbanisme?* (1926) e *Géographie des Villes* (1936).

<sup>16</sup> Luiz de Anhaia Mello, “Um grande urbanista francês: Donat-Alfred Agache”, *Revista Polytechnica*, n.85 e 86, julho 1928.

<sup>17</sup> Idem, “Urbanismo”, op.cit. 1928, p 239 e “O Governo das Cidades”, *BIE*, n. 44, v. X, janeiro 1929.

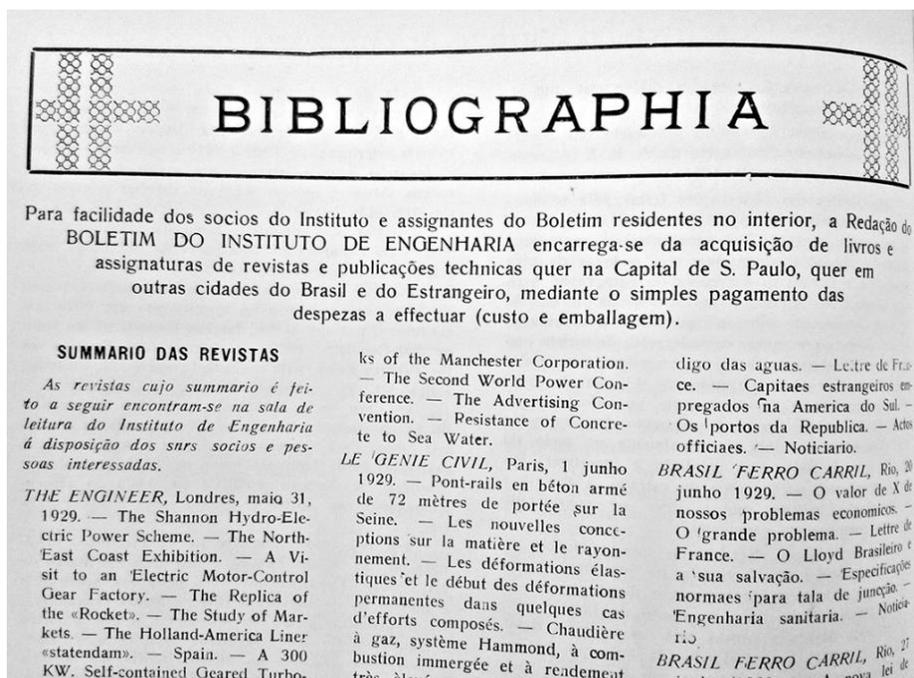


Fig. 4 - Recorte de página do *Boletim do Instituto de Engenharia* – o periódico difundia e possibilitava a aquisição de uma bibliografia internacional.

Além do *The American City*, periódico citado acima, Anhaia refere-se no artigo “Urbanismo” no *BIE*, em 1928 aos *Proceedings of the American Society of Civil Engineers* e ao planejamento integrado da tríade *town, city and region*, ao *Journal of the American Institute of Architects*, à *Landscape Architecture*, e entre as inglesas *Garden Cities and Town Planning* e *Town Planning Review*; à francesa *La Vie Urbaine*, além de tantas outras que vai citando em seus artigos, cuja assinatura podia ser feita (ele mesmo indica) por intermédio do Instituto de Engenharia – desta correspondência não restam traços, o arquivo deste Instituto foi descartado nas sucessivas mudanças de endereço, bem como sua biblioteca.

Já os livros que compõem a biblioteca de AM, por volta de mil exemplares nas estantes da FAU-Maranhão, eles eram em geral solicitados por correspondência diretamente com editoras americanas, ou comprados na Livraria Triângulo (especialmente nos anos 50), e na Casa Garraux, no centro de São Paulo. Apoiados nos grandes autores de vários países e em novos projetos em curso, seus textos podem ser identificados como uma crítica cujo papel é traduzir ideias que vêm de fora. Neste sentido, algumas de suas posições pedem aprofundamento para que se entenda seu teor, alcance e, sobretudo, as modalidades da apropriação de forma menos redutora.

Sabe-se que a dimensão internacional constitui um denominador comum nos periódicos de vários países no século XX – todos em geral acolhem e divulgam autores estrangeiros. Anhaia assume nos seus artigos que circulam nos meios profissionais um papel de propagandista de ideias bem como descreve minuciosamente soluções técnicas para os serviços municipais e as políticas públicas, embora alerte sempre para o relativismo, ao tomá-los como exemplo. Ou seja, se por um lado, a apropriação de autores franceses, norte-americanos e outros, constitui um meio para embasar suas ideias, por outro ressalta sempre a importância “do lugar e do tempo” de sua aplicação, afirmando que

“...não se podem transplantar instituições de um país para outro, na esperança de que medrem com a mesma eficiência em todos eles. As relações causais (...) não têm nas ciências sociais a mesma validade universal que têm nas ciências naturais. As instituições são métodos para fazer as coisas e devem ser apropriadas a condições específicas de tempo e lugar”<sup>18</sup>.

Atribui o estatuto de “roteiro seguro” às obras lidas, e assinaladas com grifos e marginais, obras que descrevem experiências testadas ou em curso sobre várias questões enfrentadas nas cidades, considerando que “não faltam exemplos (...), a documentação é farta, o campo de observação vário e vasto” – encadeando ao longo dos seus artigos trechos de citações de autores, epígrafes, e citando obras e revistas onde se pode “beber a experiência alheia, experiência que há de servir para estudo e resolução dos nossos problemas”. Anhaia Mello associa muitas vezes os modelos na busca idealística de soluções para a cidade como expõe exaustivamente na apostila do “Curso de administração municipal e introdução ao planejamento regional”, editada pelo Grêmio Politécnico em 1967<sup>19</sup>, síntese madura de seu ideário. Porém, busca a

<sup>18</sup> Anhaia retoma aqui Martin Glaeser, *Outlines of Public Utility Economics*, New York, The MacMillan Co., 1927, livro de sua biblioteca – cf seu artigo, “Regulamentação dos Serviços de Utilidade Pública”, *BIE*, v. XII, n. 59, abril 1930, p. 185.

<sup>19</sup> No caso, no que se refere ao Plano, afirma que “junta dois modelos de dados para o inquérito”, de René Danger, em *Cours d'Urbanisme* e de Russel Van Nest Black, *Planning for the Small American City*, e transcreve parte deles; notar que ambos são originalmente editados em 1933, e que ainda lhe servem de referência em 1967. Cf. p. 33 e ss do Curso citado.

adaptação dos modelos ao considerar a individualização da cidade, que requer soluções que não sejam as mesmas para todas, mas que atendam às suas particularidades.

Embora se afirme que ele nunca saiu do país, seus textos explicitam referências recentes – acompanhava com incrível atualidade a profusa bibliografia de outros países, adquirindo livros um ano depois de sua publicação no exterior, e até no ano mesmo da edição, que o permitiam se inteirar dos debates sobre mudanças urbanísticas, e impactos de novas legislações, estando a par de medidas prementes postas em prática nas cidades americanas (planejamento regional e *zoning* entre elas), e da produção de centros de estudos que lhe serviam de referência (como o *Harvard City Planning Studies*, e volumes do *Regional Survey of New York and its environs*); isso, sem deixar de citar pensadores do urbanismo francês, desde os manuais e tratados clássicos aos autores que tomavam posições polêmicas e eram mesmo antagônicos entre si em muitos aspectos (como Gaston Bardet e Le Corbusier), que comentaremos mais adiante.

Anhaia sempre indicava suas fontes e modesto, refere-se a si mesmo, como o autor de “coletânea de ideias alheias”, reafirmando vez por outra que “eram suas ideias, mas não são ideias suas”<sup>20</sup>. Assim, graças à sua erudição ele encarnou a posição do intelectual que busca modificar o curso das coisas dirigindo-se (ou pensando estar se dirigindo) por meio de seus textos, a um público mais amplo do que o círculo de seus pares e alunos.

Sobre quais leitores podia contar além deles? – em sala de aula esta crítica foi igualmente praticada tanto quanto nas páginas de periódicos que circulavam em seu meio profissional, como as citadas, *Revista Polytechnica* ou *Boletim do Instituto de Engenharia*, sendo os temas de conferências neles publicadas os mesmos dos programas de seus cursos. Uma história cultural coloca perguntas sobre o lugar e meio da elaboração de textos, sobre as concepções inscritas nas questões do seu tempo e as possibilidades de apropriação que encerram. Entre a erudição que parece ostentar o seu “poliglótismo” (dentro do espírito dos intelectuais periféricos do seu tempo), e a “utilização estratégica” de autores que embasam suas críticas, sabe-se que estas não chegavam nem perto de serem aplicadas, já que a competência das comunidades de auditores e leitores não as absorvia ou eram indiferentes a elas – a distância entre ideários e práticas no trato da cidade sendo uma tônica intemporal no país.

Assim, a crítica expressa por Anhaia Mello nos periódicos paulistas se inscreve em uma história sócio-cultural da própria cidade e de sua evolução – ele se afigura como um mediador que contribui para difundir o saber adquirido – ele representa em São Paulo, “o nascimento do intelectual enquanto figura política”<sup>21</sup> e enquanto membro da elite cultural ligado a itinerários familiares e profissionais de exceção, encarna a responsabilidade e a missão cívica do engenheiro no plano urbano, que remonta ao século 19 – de um lado, pela difusão de obras de que é porta-voz, de outro, pelo seu engajamento ainda que breve na política municipal, cujas posições ocupa por pouco tempo. Como professor que jamais deixou de ser, atuou nas mudanças das instituições de formação, especialmente no papel do arquiteto, que, ao criar a FAU em 1948 ele separa do engenheiro e do artista e associa ao do urbanista- sociólogo ao qual ele sempre se identificou.

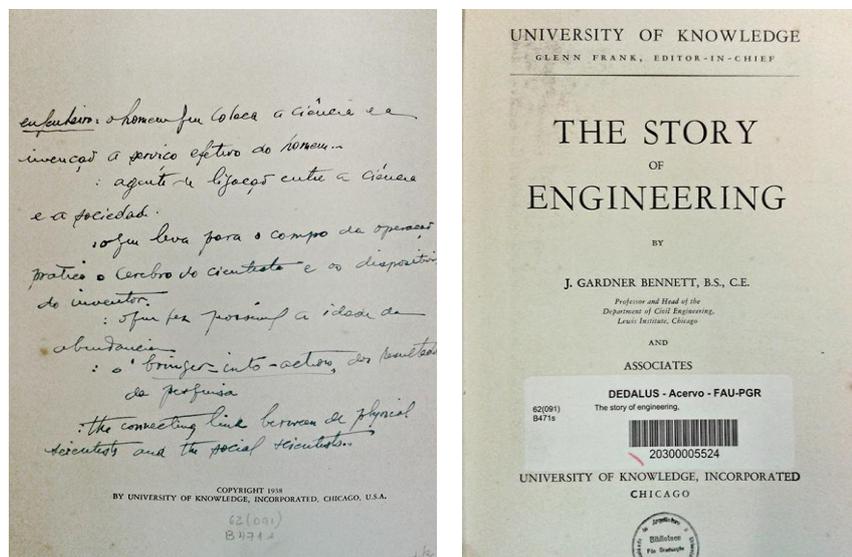


Fig. 5 – Página com anotações manuscritas de Anhaia Mello sobre sua acepção do engenheiro, em livro de sua biblioteca.

Impasses se acumulam na nossa historiografia – diante de um internacionalismo o qual porta-vozes como Anhaia Mello não podiam se furtar (pois no *ar do tempo*), o fato de trazer ideias que jamais seriam postas em prática em cenário tão adverso social e culturalmente, confirmaria, para ele, um desalento existencial e profissional diante do caótico crescimento de São Paulo, pois os problemas denunciados nos textos dos anos 20 se agravavam na cidade dos anos 50: a fatalidade da cidade ser “devorada pelos problemas” causados pelo “desgoverno municipal” anunciada em 1929 se cumpria. “So little done, so

<sup>20</sup> Luiz de Anhaia Mello indica em geral os autores em que baseia sua reflexão sobre os mais variados temas - a expressão citada está em “Natureza, classificação, característicos econômicos dos serviços de utilidade pública”, *B/E*, n.58, v. XII, março de 1930, p.118, arrolando inúmeros autores norte-americanos lidos sobre a questão.

<sup>21</sup> Jean-François Sirinelli & Jean-Pierre Rioux, *Pour une Histoire culturelle*, Paris, Ed. du Seuil, 1997, p. 279.

*much to do*” (“Fizemos tão pouco; e havia tanto por fazer”), ele observa citando um autor de suas leituras<sup>22</sup>. Apoiando-se no fatalismo histórico (ou vital) de Spengler, Geddes e Mumford, condena a cidade tentacular: *Les Villes tentaculaires* é título do poema de Emile Verhaeren, autor belga do final do século 19, presente em quase todos os seus textos de 1927 a 1974.

Se muitas das críticas são inoperantes na prática, em outro nível, constata-se que as referências não são um fenômeno de circulação, pois esta não apresenta mão-dupla, e sim, inscreve-se num processo unilateral, o mais das vezes, pois textos de nossa historiografia não cruzam fronteiras e os diálogos são raros – o pertencimento a uma comunidade internacional imaginária nutrido pelo Anhaia leitor é ilusório, pois a leitura é isolada e silenciosa. Internacionalismo e unilateralidade de leituras e leitores constituem evidências em toda pesquisa sobre saberes urbanísticos no Brasil.

## ENTRE AS TEMÁTICAS CRÍTICAS, ALGUMAS LEITURAS E AUTORES CITADOS

Considerando que a história dos ideários urbanísticos não se forma apenas a partir de “grandes textos” e “grandes nomes” reconhecidos como teóricos clássicos do urbanismo internacional, muitos deles lidos e citados por Luiz de Anhaia Mello (daí o interesse do estudo de sua biblioteca associado ao dos seus textos), destacamos que para o melhor entendimento desses textos de referência (que circulam em bibliografias da história crítica do urbanismo), deve-se igualmente construir biografias intelectuais dos “segundos da classe”, de críticos e porta-vozes desconhecidos na historiografia internacional, como é seu caso, que escrevia em português e em uma metrópole periférica como São Paulo nos anos 1920-1950, absorvendo e propagando o que se escrevia longe daqui. Considera-se hoje que para o avanço do conhecimento das modalidades de difusão e formas de apropriação de um pensamento urbanístico, trabalhos sobre intelectuais como ele, oriundos de países com pouca tradição historiográfica como o Brasil, podem adquirir interesse e relevância em linhas recentes de pesquisas que enfatizam a importância da recepção, no âmbito de uma história crítica intelectual internacional de textos de porta-vozes tanto do urbanismo como da arquitetura, “histórica e culturalmente situados”<sup>23</sup>. É neste sentido que as modalidades das apropriações feitas por autores como ele revelam-se significativas, conforme os exemplos que estamos estudando a serem inscritos “na historicidade dos textos, buscando seus pontos de contato e divergências”<sup>24</sup>.

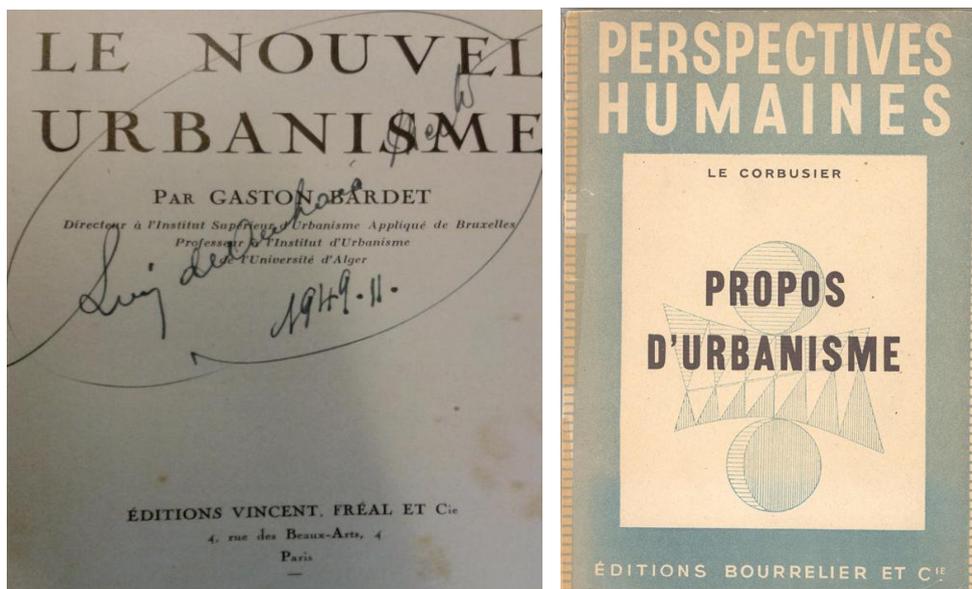


Fig. 6 – Frontispício e capa de livros da biblioteca de Anhaia Mello.

Para concluir este *paper* sobre o ideário e as referências de Anhaia Mello, recortamos desse vasto campo, o *Anhaia leitor de Le Corbusier e de Gaston Bardet*<sup>25</sup>, em busca do urbanismo humanizado e da cidade ideal em que “as alegrias essenciais” (expressão de Le Corbusier) fossem estendidas a todos.

<sup>22</sup> Luiz de Anhaia Mello, “Boletim n. 1. Elementos para o planejamento territorial dos municípios”, datiloscrito, 1957, p.8. A divisa citada é de Cecil Rhodes (1852-1902), colonizador, político e homem de negócios britânico, personagem emblemático do expansionismo e imperialismo inglês do século 19 na África do Sul, onde se enriqueceu com minas de diamantes, dominando seu comércio.

<sup>23</sup> Reflexão a partir de Hélène Jannièrre, “La critique architecturale, objet de recherche”, in *Les Cahiers de la Recherche Architecturale et urbaine*. La critique en temps et lieux, n. 24/25, Ed. du Patrimoine/Centre des Monuments Nationaux, dezembro 2009, p. 121-140.

<sup>24</sup> Cf. H. Angotti-Salgueiro, “Pensamento e leituras de Luiz de Anhaia Mello – das propostas de uma *arte urbana* ao planejamento de um *urbanismo humanista*”, op. cit..

<sup>25</sup> De Le Corbusier, além de *Urbanisme* (1925) encontra-se na biblioteca de Anhaia Mello, *Manière de penser l'urbanisme*, s.d., *Oeuvres Complètes* (1939), *Propos d'Urbanisme* (1946), uma obra ilustrada sobre *L'Unité d'Habitation à Marseille*, (edifício que Anhaia criticou pois contrário à verticalização, denominando-o “o armário de Marselha”); de Gaston Bardet, encontramos *Le Nouvel Urbanisme*, de 1948, assinado e datado por Anhaia Mello em 1949 (com grifos e anotações) e *Pierre sur Pierre. Construction du Nouvel Urbanisme*, de 1946, adquirido em 1947. O levantamento ainda está em curso, dificultado por falta de inventário completo de sua biblioteca pessoal.

Le Corbusier e Bardet são dois autores sobre os quais a historiografia dos últimos decênios tem consagrado estudos, especialmente o primeiro, obviamente, que vem contando com reedições críticas de alcance internacional, o que não aconteceu com o segundo, que apesar da importância de suas publicações nos anos 40, ficou esquecido durante décadas, talvez pela progressiva tendência à espiritualidade e ao misticismo que o marcaram depois de 1955<sup>26</sup>. Porém, a partir dos anos 1980 quando revisões sobre protagonistas da história do urbanismo se intensificaram na França, Bardet voltou à cena crítica e foi objeto de artigos de pesquisadores de renome como Jean-Louis Cohen e Jean-Pierre Frey, que, aliás, escreveu sobre ele recentemente, na antologia organizada por Thierry Pacquot, *Les Faiseurs des Villes*<sup>27</sup>.

- Como Anhaia Mello associa esses autores considerados como portadores de ideários urbanísticos incompatíveis? O que empresta de um e do outro, em quais textos são citados e em qual contexto? Observe-se que os temas que os reúnem nos textos de AM envolvem também ideários de outros autores, como o Pe. Le Bret, então ativo em São Paulo, bem como de autores americanos, ingleses e outros, cuja genealogia se articula em torno de um urbanismo humanizado, da cidade orgânica marcada pelo espírito comunitário defendido pelos sociólogos de Chicago como Robert Park, da metrópole com o crescimento e a demografia controlados (de um Lewis Mumford), do território regional organizado em cidades-jardim, satélites, cidades celulares, polinucleares (na linha de Gaston Bardet), ou da descentralização urbana e a apologia do ruralismo (que remonta a Jules Méline) – citando também autores sem fortuna crítica como Jean Lebreton com a *reorganização do complexo cidade-campo*. Ideário que converge para o destaque das funções residência/trabalho/recreio/circulação a serem asseguradas a “todos os cidadãos em igualdade de condições e bem estar, euforia e felicidade”<sup>28</sup>. Todo um programa de pensamento na linhagem do “urbanismo culturalista” (se é que ainda se pode usar esta classificação...) cujas referências apenas afloramos aqui.

Anhaia Mello cita Le Corbusier pela primeira vez, em 1927, em artigo na *Revista Polytechnica*, ao buscar definir o que é urbanismo (preocupação presente em vários de seus textos) transcrevendo apenas a frase de abertura do Avertissement do livro *Urbanisme* (publicado dois anos antes, em 1925)<sup>29</sup>: *La ville est un outil de travail*, que parece responder à sua preocupação quanto a necessidade de uma “intervenção refletida, inteligente e ordenadora (...) ao crescimento das aglomerações urbanas, afim de estas se tornem um objeto de rendimento superior e proveitoso a coletividade” – questão que defenderá ao longo de sua vida, sob vários aspectos. Quanto aos demais temas do polêmico livro estes não são sequer mencionados.

Em 1935, Le Corbusier volta a ser citado rapidamente, na conferência “A Sociedade Amigos da Cidade e sua função no quadro urbano” (também publicada no *BIE*), logo em seguida à frase que define o urbanismo, “como a ciência voltada para a manutenção de um standard razoável de vida coletiva”. Anhaia escreve: “*Urbanismo - diz Le Corbusier - e convém citá-lo já que estamos na era maquinista, representa os três fatores da vida social: habitação e família, trabalho, repouso/recreio/recuperação higiênica das energias*”<sup>30</sup>. Le Corbusier seria referência para ele no que se refere ao “primado da vida (...) à finalidade do processo social que não é fazer homens mais poderosos e ricos, mais sim mais humanos, mais cultos, mais sociáveis e mais felizes”<sup>31</sup>. Em artigo deste mesmo ano no *Digesto Econômico*, Anhaia deixa bem claro seu maior combate expresso no título, “Urbanismo em escala humana”, e afirma que tanto este quanto a arquitetura participam da nova orientação do estudo das *cidades como organismo*, com a preocupação pelas “condições de vida dos que nela moram” – tema que o remete a Le Corbusier e à cidade definida pela Carta de Atenas e aos demais textos dos CIAM (leituras presentes em sua biblioteca) – ou seja, não a metrópole, mas as unidades urbanas de tamanho limitado que favoreçam o espírito comunitário.

---

<sup>26</sup> Ver Jean-Louis Cohen, “Le Nouvel urbanisme de Gaston Bardet », *Le Visiteur*, n. 2, 1996. E ainda artigos anteriores : « Gaston Bardet, un humanisme à visage humain » & Entretien, in *AMC*, n.44, fev. 1978, e « Ville sur ville, le destin de Gaston Bardet, in *L'Architecture d'Aujourd'hui*, n. 265, out. 1989.

<sup>27</sup> Jean-Pierre Frey, « Gaston Bardet », in Thierry Pacquot (dir.), *Les faiseurs des villes, 1850-1950*, Infolio, 2010 e “{Jean-}Gaston Bardet. L’espace social d’une pensée urbanistique », *Les Études sociales*, n. 130, 1999, p. 57-82.

<sup>28</sup> Luiz de Anhaia Mello, “Curso de Administração Municipal e Introdução ao Planejamento regional”, op. cit., 1967, p. 91.

<sup>29</sup> Em 1927, Le Corbusier seria ainda pouco conhecido em São Paulo (esteve primeiramente na cidade em 1929) - ele será citado por Prestes Maia em 1930, no *Plano de Avenidas*, como “autor em moda” a ser consultado, cuja solução para Paris “onde prega avenidas de 200mtrs com arranha-céus de 60 andares (...) conquanto suggestiva e impressionante, é ainda livresca ao menos para a época”. O trecho de *Urbanisme* que Prestes Maia transcreve em nota parece deslocado, não correspondendo ao desenvolvimento do seu texto sobre “O perímetro de irradiação”, p. 34 e ss.

<sup>30</sup> “A SAC e sua função no quadro urbano”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, n. 15, junho 1935, p.266.

<sup>31</sup> Luiz de Anhaia Mello, “Um plano regulador para o município...”, *Engenharia*, n. 39, nov. 1945, p. 90.

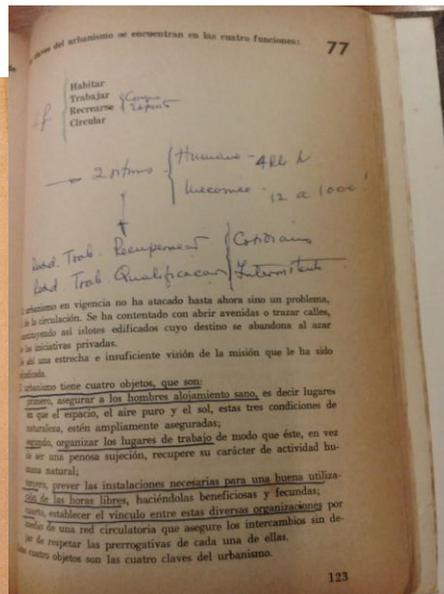
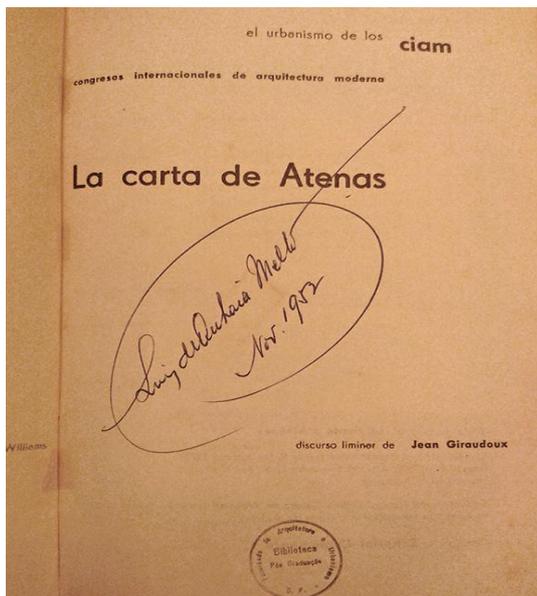


Fig. 7 - Página da Carta de Atenas, com anotações de Luiz de Anhaia Mello.

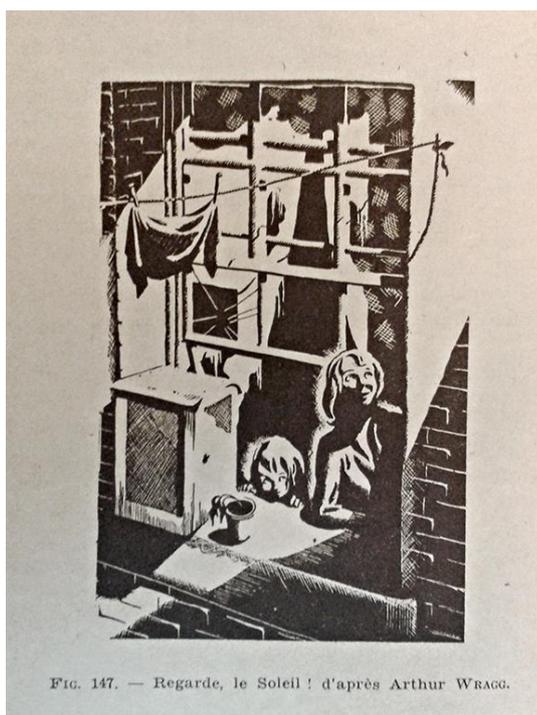


Fig. 8 – Desenho ironizando a falta de luz na habitação precária, no livro de Gaston Bardet, *Pierre sur Pierre*, da biblioteca de Luiz de Anhaia Mello.

Ele entende a *cidade radiosa* como aquela que deve dar ao homem da civilização da máquina as *alegrias essenciais*: o sol dentro do lar, o céu através das janelas do lar, as árvores à vista de dentro do lar<sup>32</sup>. A premissa da orientação e insolação dos locais habitados dominava os ideários dos urbanistas daquela geração que, porém, não se entendiam entre si e polemizavam em seus escritos: A.-Augustin-Rey<sup>33</sup> era criticado por Bardet que por sua vez ironizava “la ville ombreuse” de Le Corbusier,

<sup>32</sup> Luiz de Anhaia Mello, “Urbanismo em escala humana”, *Digesto Econômico*, n. 28, março de 1947, p.40.

<sup>33</sup> Sobre um episódio da carreira de Rey no Brasil, ver H. Angotti-Salgueiro, “Augustin Rey - um arquiteto Beaux-Arts na cruzada do urbanismo moderno”, *Gávea*, v.13, n.13, setembro 1995.

objeto, igualmente, de severas críticas de Augustin-Rey – Anhaia era leitor de todos eles, dando menor importância a Augustin-Rey, cujo livro, um dos tratados que mais circulou na época *La Science des Plans des Villes*, embora fizesse parte de sua biblioteca, não apresenta grifos e marginalias como os de Bardet e Le Corbusier.

Voltemos à aspiração da *joie de vivre* à totalidade dos cidadãos, remetida por Anhaia aos princípios da Ascoral (Assembléia dos Construtores por uma Renovação Arquitetural fundada por Le Corbusier em 1943, que teve uma vida curta, mas cujas ideias se prolongaram no grupo francês dos CIAM); essa “alegria de viver” vai ser ainda associada por Anhaia ao “ambiente e as interações humanas” no texto do seu curso de 1967. Justamente, o ideário das comunidades, ou a *alma das cidades* domina também a reflexão de Gaston Bardet, antes que a sociologia urbana se afirme nos meios acadêmicos franceses – nesta linha, um livro bem assinalado e relido por Anhaia é o do professor norte-americano Robert Ezra Park, *Human Communities. The City and the Human Ecology*, de 1952, adquirido em 1954, cuja célebre frase sobre a perda do espírito comunitário nas grandes cidades ele sublinha e retoma em vários de seus artigos.

Anhaia afirma que todos os urbanistas se referem à “necessidade de uma rearticulação comunitária” e destaca entre eles: Gaston Bardet, Jean Lebreton, Josep Luis Sert (um dos autores do livro do CIAM8 também muito grifado, *The Heart of the City: towards the Humanization of Urban Life*, de 1952), Clarence Perry evidentemente, Maxwell Frey e Patrick Abercrombie, remontando à Patrick Geddes e Ebenezer Howard em referência à interação de *community/place/work*. Esta bibliografia em que Anhaia apoia seus combates pela humanização da vida urbana, desde a melhoria da habitação (do *logis* e seus prolongamentos, defendido por Le Corbusier<sup>34</sup>) ao planejamento regional que a integra, na redistribuição da população em unidades de vizinhança, em cidades-jardim, demonstra uma coerência genealógica de autores, reconhecida na historiografia do urbanismo.

A expressão relativa “a conservação e ao primado da vida, à escala humana”, reaparece em texto de 1956, também originalmente uma conferência (“Urbanismo positivo e urbanismo negativo...”, op. cit., p.10) em que destaca seu ideal de cidade: “orgânica, de população limitada, enquadrada na paisagem”, assinalando ainda que “os problemas das cidades são humanos não mecânicos”, e numa crítica pouco velada a Prestes Maia, observa que “há uma população na cidade necessitando de coisas mais vitais do que eixos, viadutos e túneis, necessitando urgentemente dos mais elementares requisitos para uma vida decente”.

Em 1957, na palestra “Planejamento, arquitetura e engenharia. Contrastes e confrontos”, um dos textos mais completos sobre as ideias que Anhaia Mello sempre defendeu, ele se refere igualmente a Le Corbusier e a Gaston Bardet, que identificam respectivamente os planejadores da cidade “humanamente desejável” como “harmoniseurs” e “appeleurs d’âmes” – a Le Corbusier empresta e comenta longamente o desenho de *Propos d’Urbanisme*, com as cinco regras “biotécnicas” da “Ocupação lícita do solo”, base para um código ideal de planejamento, explicando mais uma vez as quatro funções da Carta de Atenas: *habitar, trabalhar, recrear e circular*.

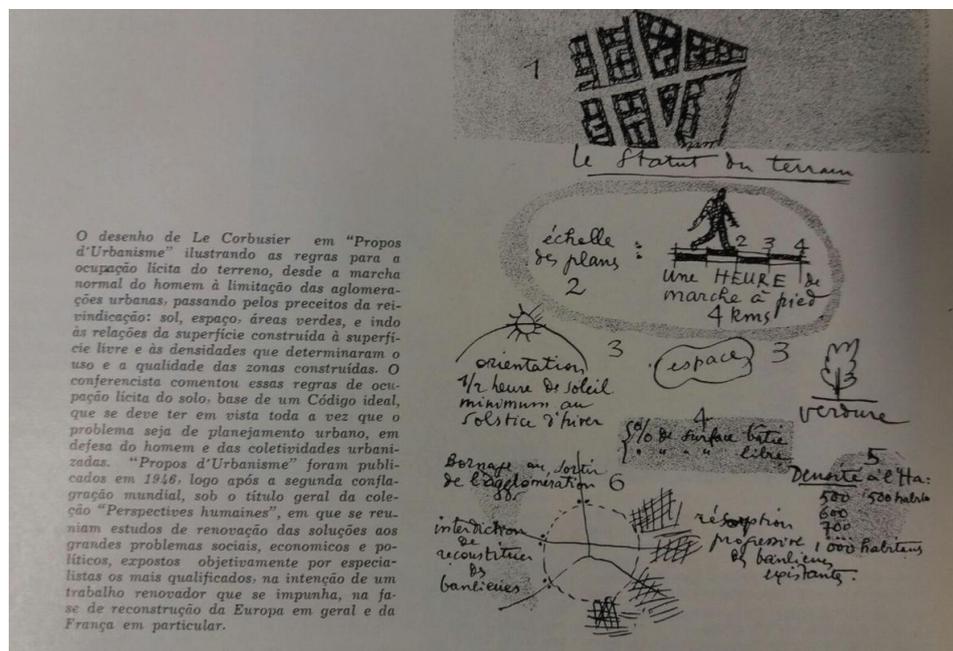


Fig. 9 – Croquis de Le Corbusier no artigo de Anhaia Mello, “Planejamento, arquitetura e engenharia. Contrastes e confrontos”, *Habitat*, n. 38, jan. 1957.

Le Corbusier de Anhaia é o do *Lyrisme des Temps Nouveaux* (1939) e o do *Propos d’Urbanisme* (1946), para quem, segundo ele, *urbs deve ser entendida no sentido de urbanidade, harmonia, entendimento, compreensão*<sup>35</sup>. Nesse mesmo texto retoma

<sup>34</sup> Citado em sua tese, “A hipertrofia das cidades – fator de aniquilamento da família”, orig. datilografado, São Paulo, setembro 1954, p. 23.

<sup>35</sup> Luiz de Anhaia Mello, “Curso de Urbanismo: elementos de composição regional” op. cit, ed. 1961 (curso de 1957), p. 2.

Gaston Bardet a respeito do “feixe de disciplinas que constituem o urbanismo” (a interdisciplinaridade é outro *leitmotiv* do ideário de Anhaia Mello desde os anos 20), e destaca três aspectos gerais do conhecimento: ser *impassível*, *entusiasta*, e respeitar uma *escala de valores* em que a cultura, a educação e a vida urbana agradável sejam refeitas. De Bardet reafirma ainda a importância da *civic survey/pesquisa/enquête* (que Geddes defendia bem antes, também lembrado por ele), e o esclarecimento da opinião pública, a prioridade do “urbanismo” sobre o urbanismo, sublinhada no seu livro, como sendo a ciência da *organização das massas no solo*, que implicaria a *organização* do plano *regional* dos *escalões comunitários*, das cidades tipo “cacho” – as cidades biotécnicas, enfim, contra as megalópoles, *organismos monstruosos*, *caóticos* e *ilimitados* dos *especuladores imobiliários* – neste sentido, Anhaia transcreve Le Corbusier: *Le sol a pour but de porter des maisons et non de supporter l’ascension de fortunes particulières*<sup>36</sup>, outro *leitmotiv* veemente em suas falas.

As incompatibilidades entre os dois autores não parece interessá-lo, embora Anhaia Mello seja como Gaston Bardet contrário ao radicalismo funcionalista, à verticalização e à abertura de grandes avenidas, aos traçados que violentem a evolução orgânica da cidade – desde Haussmann, passando pelo City Beautiful a Le Corbusier.

Fazer uma história intelectual do urbanismo significa entender os mecanismos da apropriação de textos, suas associações e nuances possíveis de inteligibilidade em outras latitudes, apesar das barreiras conceituais entre eles, aproximações e distanciamentos. No caso desses dois autores, ambos fortes personalidades emblemáticas da geração de fundadores dos ideários urbanísticos do primeiro quartel do século 20<sup>37</sup>, buscamos entender como eles são citados no pensamento de Anhaia Mello, não para colocá-los em campos opostos, como fez rapidamente uma certa historiografia, mas porque representam, ainda que cada um a seu modo, vozes que criticavam o crescimento urbano mal conduzido, as crises e problemas que dele resultavam, e a falta de uma política que considerasse os valores vitais e humanos para a cidade. Como Bardet e Le Corbusier, Anhaia Mello foi um dissidente teórico, embora esquecido do outro lado do Atlântico, que não integrou ainda a nova historiografia que vem reconhecendo os “precursores do decrescimento” em pensadores da cidade do século 19 ao período entre-guerras.

No seu utópico “urbanismo em escala humana”<sup>38</sup>, termos de um pensamento nesta direção reuniam Bardet e Le Corbusier, superando suas diferenças, ou seja, nos aspectos que confeririam “a alegria de viver à totalidade dos cidadãos”, objetivo comum de um planejamento global, que o brasileiro defendia ardorosamente embora no fundo não acreditasse mais nele – ao ser empossado em comissão para estudar o Código de obras do município de São Paulo, Anhaia observa: “Um autor francês, Gaston Bardet (...) afirma que este urbanismo de que tanto se fala não se encontra em lugar nenhum, só em livros, em conferências, em quadros pendurados nas paredes e em grossos e eruditos volumes de erudita sabedoria”<sup>39</sup>.

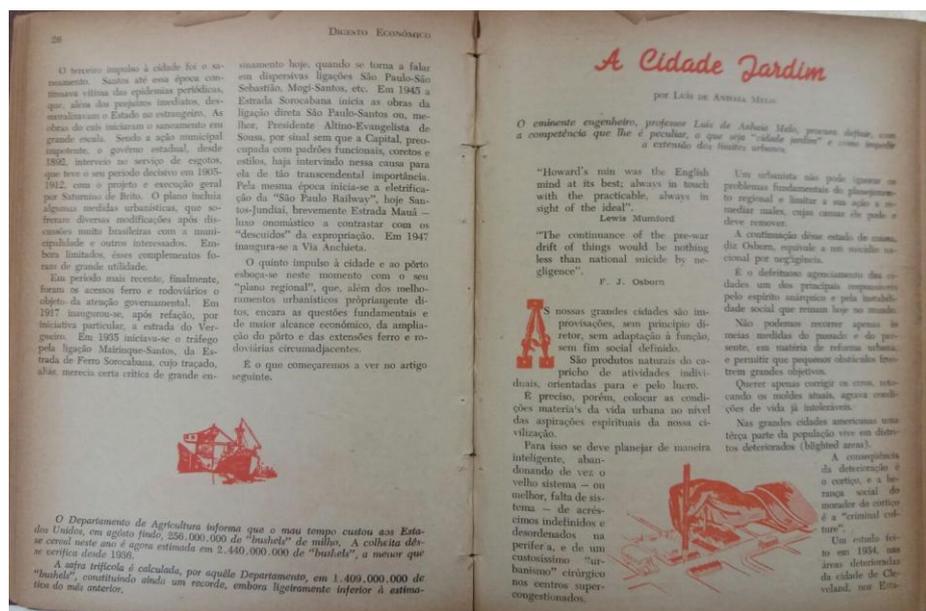


Fig. 10 – Croquis da mão desenhando a cidade, no artigo de Luiz de Anhaia Mello, “A Cidade Jardim”, *Digesto Econômico*, n. 36, nov. 1947.

Anhaia Mello, “intelectual público”, cuja competência letrada não encontrou recepção favorável na dinâmica das práticas urbanas, escolheu como “armas” a cultura, o livro, a mão e o lápis – “o pensamento da mão”, como assinala no livro de Oswald Spengler, *O Homem e a técnica, contribuição a uma filosofia de vida*: “O homem se fez criador de sua tática de vida.

<sup>36</sup> Cf. Luiz de Anhaia Mello, “Boletim n. 1. Elementos para o planejamento territorial dos municípios” (trabalho de 1957, reeditado em 1963), p. 34; a mesma frase no âmbito da “Ocupação lícita do solo” é transcrita no curso de 1967, p.80.

<sup>37</sup> Cf. Daniele Voldman, “Les architectes reconstructeurs forment-ils une génération ?”, *Les Cahiers de l’IHTP. Générations intellectuelles*, n. 6, nov. 1987, p. 69.

<sup>38</sup> Título de um de seus artigos (citado na nota 28) em 1947, ele expressa seu ideário neste sentido, e os referidos autores.

<sup>39</sup> Cf. “Discurso do Prof. Anhaia Mello”, *Engenharia*, maio de 1949, p. 424-425.

Essa é sua grandeza e sua fatalidade. E à forma interna dessa criatividade chamamos cultura – possuir cultura, criar cultura, padecer pela cultura”.

## REFERÊNCIAS

ANHAIA MELLO, Luiz de. "Problemas de urbanismo. Mais uma contribuição para o calçamento". Revista Polytechnica, São Paulo: Escola Politécnica, N. 83, junho 1927, 343-365.

----- "Um grande urbanista francês: Donat-Alfred Agache". Revista Polytechnica, São Paulo: Escola Politécnica, N. 85 e 86, julho 1928, 70-88.

----- "Urbanismo". Boletim do Instituto de Engenharia. São Paulo: Instituto de Engenharia. N. 92, V. 9, novembro 1928, 235-240.

----- "Natureza, classificação, características econômicas dos serviços de utilidade pública". Boletim do Instituto de Engenharia. São Paulo: Instituto de Engenharia, N.58, V.7, março 1930, 117-127.

----- "A SAC e sua função no quadro urbano", Boletim do Instituto de Engenharia. São Paulo: Instituto de Engenharia, V.21, N. 15, junho 1935, 263-269.

----- "Um plano regulador para o município..". Engenharia. São Paulo: Instituto de Engenharia. N. 39, novembro 1945, 87-105.

----- "Urbanismo em escala humana". Digesto Econômico, São Paulo: N. 28, março 1947, 37-43.

----- "Discurso do Prof. Anhaia Mello", Engenharia. São Paulo: Instituto de Engenharia. maio 1949, 424-425.

----- "A hipertrofia das cidades – fator de aniquilamento da família", orig. datilogr., São Paulo: FAUUSP, setembro 1954.

----- "Engenharia e urbanismo – profissão e personalidade". Revista de Engenharia Mackenzie. São Paulo: Universidade Mackenzie, V. XL, N. 124-125, janeiro-agosto 1955, 1-5.

----- "Urbanismo positivo e urbanismo negativo – as modernas cidades inglesas", Engenharia Municipal. São Paulo: S.E.M., N. 3, julho 1956, 9-14.

----- "Planejamento, arquitetura, engenharia. Contrastes e confrontos". Habitat. São Paulo: N. 38, janeiro 1957, 1-8.

----- Curso de Urbanismo: elementos de composição regional. São Paulo: Grêmio Politécnico (1957), 3ª edição, 1961.

----- Boletim n. 1. Elementos para o planejamento territorial dos municípios. São Paulo: FAUUSP, 1957 (reedição 1963).

----- Curso de Administração Municipal e Introdução ao Planejamento Regional. São Paulo: Grêmio Politécnico, 1967.

ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. "Pensamento e leituras de Luiz de Anhaia Mello – das propostas de arte urbana ao planejamento de um urbanismo humanista". Anais do III Enanparq. São Paulo: Anparq, 2014.

----- "Augustin Rey - um arquiteto Beaux-Arts na cruzada do urbanismo moderno", Gávea, Rio de Janeiro: V.13, N.13, setembro 1995.

CHARTIER, Roger. "Bibliographie et histoire culturelle". IN: Au bord de la falaise. L'Histoire entre certitudes et inquiétude. Paris: Albin Michel, 1998.

COHEN, Jean-Louis. "Le Nouvel urbanisme de Gaston Bardet". Le Visiteur, Paris: N. 2, 1996.

----- "Gaston Bardet, un humaniste à visage humain & Entretien". AMC, Paris: N.44, fev. 1978.

----- "Ville sur ville, le destin de Gaston Bardet". L'Architecture d'Aujourd'hui. Paris: N. 265, out. 1989.

COLLINOT, Anne. "Entre vie et oeuvre scientifiques : le chaînon manquant". Critique. Biographies, mode d'emploi. Paris: junho-julho 2012.

FICHER, Sylvia. Os arquitetos da Poli – ensino e profissão em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2005.

FREY, Jean-Pierre. Gaston Bardet. IN: PACQUOT, Thierry. Les faiseurs des villes, 1850-1950. Paris: Infolio, 2010.

----- "{Jean-}Gaston Bardet. L'espace social d'une pensée urbanistique". Les Études sociales. Paris: N. 130, 1999.

----- "Gaston Bardet, théoricien de l'urbanisme culturaliste". Urbanisme. Paris: N. 319, agosto 2001.

JANNIÈRE, Hélène. "La critique architecturale, objet de recherche". Les Cahiers de la Recherche Architecturale et urbaine. La critique en temps et lieux. Paris: N. 24/25, Ed. du Patrimoine/Centre des Monuments Nationaux, dezembro 2009.

----- Politiques éditoriales et architecture moderne. L'émergence de nouvelles revues en France et en Italie (1923-1939). Paris: Ed. Arguments, 2002.

MALTA CAMPOS, Candido. Os Rumos da Cidade. Urbanismo e Modernização em São Paulo. São Paulo: Editora Senac, 2002.

PONTUAL, Virgínia P. "Gaston Bardet: um teórico do urbanismo". Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Brasília: UnB/FAU, 2014.

SIMÕES JUNIOR, J. G. "Internacionalização do urbanismo e a relevância dos eventos de 1910: os Congressos e Exposições de Urbanismo de Berlim, Londres e Nova Iorque". Anais do XV Enanpur. Recife: Anpur, 2013. v. 1. p. 1-20.

SIRINELLI, Jean-François & RIOUX, Jean-Pierre. Pour une Histoire culturelle. Paris: Ed. du Seuil, 1997.

VOLDMAN, Danièle. "Les architectes reconstructeurs forment-ils une génération ?". Les Cahiers de l'IHTP. Générations intellectuelles. Paris: N. 6, nov. 1987.

URBANISME. Revue Mensuelle de l'Urbanisme Français. Paris: Ano 1, N. 1, abril 1932.